O QUE É ANARQUIA VERDE?

Black Seed

O que é anarquia verde?

Black Seed

Esta publicação foi feita sem copyright. Pode e deve ser reproduzida com os devidos créditos.

Título original: What is Green Anarchy?

Fonte: https://blackseed.anarchyplanet.org/what-is-green-anarchy/

Tradução: Contraciv

Capa: Vertov

Como citar este livro:

BLACK SEED. O que é anarquia verde? Contraciv, 2021.

CONTRACIV, 2021
CONTRACIV.NOBLOGS.ORG

Este artigo deve ser visto como um ponto de partida para uma discussão. Ele cobre os principais tópicos da perspectiva eco-anarquista. Esta não é uma lista exaustiva, mas sim o início do que esperamos que seja uma conversa contínua - que será expandida e atualizada com o tempo.

Este texto não pretende enumerar os “princípios definidores” de um “movimento” eco-anarquista, nem ser um manifesto anticivilização. É um vislumbre em algumas das ideias e conceitos básicos que os membros do coletivo compartilham entre si e com outros que se identificam com a anarquia verde. Compreendemos e celebramos a necessidade de manter nossas visões e estratégias abertas e sempre apreciamos discussões. Sentimos que cada aspecto do que pensamos e quem somos precisa ser constantemente desafiado e permanecer flexível se quisermos crescer. Não estamos interessados em desenvolver uma nova ideologia, nem perpetuar uma visão de mundo singular. Também entendemos que nem todos os anarquistas verdes são especificamente anticivilização (mas temos dificuldade de entender como alguém pode ser contra toda dominação sem chegar às suas raízes: a própria civilização). Neste ponto, no entanto, a maioria dos que usam o termo "anarquista verde" acusa a civilização e tudo o que vem com ela (domesticação, patriarcado, divisão do trabalho,

tecnologia, produção, representação, alienação, objetificação, controle, destruição da vida , etc). Enquanto alguns gostariam de falar em termos de democracia direta e jardinagem urbana, sentimos que é impossível e indesejável “tornar mais verde” a civilização e/ou torná-la mais “justa”. Sentimos que é importante avançar para um mundo radicalmente descentralizado, desafiar a lógica e a mentalidade da cultura da morte, acabar com todas as mediações em nossas vidas e destruir todas as instituições e manifestações físicas deste pesadelo. Queremos nos tornar incivilizados. Em termos mais gerais, esta é a trajetória da anarquia verde no pensamento e na prática.

Anarquia vs Anarquismo

Um qualificador que consideramos importante para começar é a distinção entre “anarquia” e “anarquismo”. Alguns vão descartar isso como meramente semântico ou trivial, mas para a maioria dos anarquistas pós-esquerda e anticivilização, essa diferenciação é importante. Embora o anarquismo possa servir como um importante ponto de referência histórico do qual extrair inspiração e lições, ele se tornou muito sistemático, fixo e ideológico... tudo o que a anarquia não é. Reconhecidamente, isso tem menos a ver com a orientação social/política/filosófica do anarquismo, e

mais a ver com aqueles que se identificam como anarquistas. Sem dúvida, muitos de nossa perspectiva anarquista também ficariam desapontados com essa tendência de solidificar o que sempre deveria estar em fluxo. Os primeiros a se identificarem como anarquistas (Proudhon, Bakunin, Berkman, Goldman, Malatesta e outros) estavam respondendo a seus contextos específicos, com suas próprias motivações e desejos. Muito frequentemente, os anarquistas contemporâneos veem esses indivíduos como representantes dos limites da anarquia e criam uma atitude OQBF [O Que Bakunin Faria (ou mais corretamente - pensaria)] em relação à anarquia, que é trágica e potencialmente perigosa. Hoje, alguns que se identificam como anarquistas "clássicos" se recusam a aceitar qualquer esforço em território anteriormente desconhecido dentro do anarquismo (primitivismo, pós-esquerdismo, etc) ou tendências que muitas vezes estão em conflito com a abordagem rudimentar do movimento de massa dos trabalhadores (ou seja, individualismo, niilismo, etc). Esses anarquistas rígidos, dogmáticos e muito pouco criativos chegaram a declarar que o anarquismo é uma metodologia social e econômica específica para organizar a classe trabalhadora. Este é obviamente um extremo absurdo, mas tais tendências podem ser vistas nas ideias e projetos de muitos anarco-esquerdistas contemporâneos (anarco-

sindicalistas, anarco-comunistas, plataformistas, federalistas). O “anarquismo”, tal como se encontra hoje, é uma ideologia de extrema esquerda, e precisamos ir além. Em contraste, “anarquia” é uma experiência sem forma, fluida e orgânica que abraça visões multifacetadas de liberação, tanto pessoal quanto coletiva, e sempre aberta. Como anarquistas, não estamos interessados em formar uma nova estrutura para viver, por mais “discreta” ou “ética” que afirme ser. Os anarquistas não podem fornecer outro mundo para os outros, mas podemos levantar questões e ideias, tentar destruir toda a dominação e aquilo que impede nossas vidas e nossos sonhos, e viver diretamente conectados com nossos desejos.

O que é primitivismo?

Embora nem todos os anarquistas verdes se identifiquem especificamente como “primitivistas”, a maioria reconhece a importância que a crítica primitivista teve nas perspectivas anticivilização. O primitivismo é simplesmente um exame antropológico, intelectual e experimental das origens da civilização e das circunstâncias que levaram a este pesadelo que atualmente vivemos.

O primitivismo reconhece que, durante a maior parte da história humana, vivemos em comunidades face

a face em equilíbrio uns com os outros e com nosso entorno, sem hierarquias e instituições formais para mediar e controlar nossas vidas. Os primitivistas desejam aprender com a dinâmica em jogo no passado e nas sociedades contemporâneas de coletores-caçadores (aquelas que existiram e atualmente existem fora da civilização). Enquanto alguns primitivistas desejam um retorno imediato e completo às sociedades de bandos de coletores-caçadores, a maioria dos primitivistas entende que o reconhecimento do que foi bem-sucedido no passado não determina incondicionalmente o que funcionará no futuro. O termo "Futuro Primitivo", cunhado pelo autor anarco-primitivista John Zerzan, sugere que uma síntese de técnicas e ideias primitivas pode ser combinada com conceitos e motivações anarquistas contemporâneos para criar situações descentralizadas saudáveis, sustentáveis e igualitárias. Aplicado não ideologicamente, o anarco-primitivismo pode ser uma ferramenta importante no projeto de descivilização.

O que é civilização?

Os anarquistas verdes tendem a ver a civilização como a lógica, as instituições e o aparato físico de domesticação, controle e dominação. Enquanto diferentes indivíduos e grupos priorizam aspectos

distintos da civilização (primitivistas normalmente se concentram na questão das origens, feministas se concentram principalmente nas raízes e manifestações do patriarcado, anarquistas insurrecionais se concentram principalmente na destruição das instituições contemporâneas de controle), a maioria das anarquistas verdes concorda que civilização é o problema subjacente ou raiz da opressão, e precisa ser desmontada. A ascensão da civilização pode ser descrita como a mudança nos últimos 10.000 anos de uma existência profundamente conectada à teia da vida, para uma separada e no controle do resto da vida. Antes da civilização, geralmente existia muito tempo de lazer, considerável autonomia e igualdade de gênero, uma abordagem não destrutiva do mundo natural, a ausência de violência organizada, nenhuma mediação ou instituições formais e forte saúde e robustez. A civilização inaugurou a guerra, a subjugação das mulheres, o crescimento populacional, o trabalho árduo, os conceitos de propriedade, hierarquias arraigadas e praticamente todas as doenças conhecidas, para citar alguns de seus efeitos devastadores. A civilização começa e depende de uma renúncia forçada à liberdade instintiva. Não pode ser reformada e, portanto, é nossa inimiga.

Biocentrismo vs Antropocentrismo

Uma maneira de analisar o conflito entre as visões de mundo das sociedades “primitivas” e da civilização é a visão biocêntrica versus antropocêntrica. O biocentrismo é uma perspectiva que nos centraliza e nos conecta à terra e à complexa teia da vida, enquanto o antropocentrismo, a visão de mundo dominante da cultura ocidental, se foca na sociedade humana, excluindo o resto da vida. Uma visão biocêntrica não rejeita a sociedade humana, mas a tira do status de superioridade e a coloca em equilíbrio com todas as outras forças vitais. Ela prioriza uma perspectiva biorregional, profundamente conectada às plantas, animais, insetos, clima, características geográficas e o “espírito” do lugar que habitamos. Não há divisão entre nós e nosso ambiente, então não pode haver objetificação ou alienação da vida. A separação e a objetificação estão na base de nossa capacidade de dominar e controlar, e a interconexão é um pré-requisito para nutrir, cuidar e compreender a vida. A anarquia verde se esforça para ir além das ideias e decisões centradas no homem para um humilde respeito por toda a vida e a dinâmica dos ecossistemas que nos sustentam.

Uma crítica da cultura simbólica

Outro aspecto de como vemos e nos relacionamos com o mundo que pode ser problemático,

no sentido de que nos separa de uma interação direta, é nossa mudança para uma cultura quase exclusivamente simbólica. Frequentemente, a resposta a esse questionamento é: "Então, você quer só grunhir?" O que pode ser o desejo de alguns, mas tipicamente a crítica é um olhar para os problemas inerentes a uma forma de comunicação e compreensão que se baseia principalmente no pensamento simbólico em detrimento (e mesmo exclusão) de outros meios sensuais e não mediados. A ênfase no simbólico é um movimento da experiência direta para a experiência mediada na forma de linguagem, arte, número, tempo, etc. A cultura simbólica filtra toda a nossa percepção por meio de símbolos formais e informais. É além de apenas dar nomes às coisas, é sobre ter uma relação com o mundo que vem inteiramente por meio das lentes da representação. É discutível se os humanos são "programados" para o pensamento simbólico ou se ele se desenvolveu como uma mudança ou adaptação cultural, mas o modo simbólico de expressão e compreensão é certamente limitado e depender dele leva à objetificação, alienação e uma percepção mais restrita. Muitos anarquistas verdes promovem e praticam o contato físico com o mundo, reacendendo métodos adormecidos ou subutilizados de interação e cognição, como tato, olfato e telepatia, bem como experimentar e desenvolver modos

únicos e pessoais de compreensão e expressão.

A domesticação da vida

A domesticação é o processo que a civilização usa para doutrinar e controlar a vida de acordo com sua lógica. Esses mecanismos de subordinação incluem: domesticar, confinar, modificar geneticamente, educar, enjaular, intimidar, coagir, extorquir, prometer, governar, escravizar, aterrorizar, assassinar... A lista inclui quase todas as interações sociais civilizadas. Seu movimento e efeitos podem ser examinados e sentidos por toda a sociedade, reforçados por meio de várias instituições, rituais e costumes. É também o processo pelo qual as populações humanas anteriormente nômades mudam para uma existência sedentária ou estabelecida por meio da agricultura e da pecuária. Esse tipo de domesticação exige uma relação totalitária tanto com a terra quanto com as plantas e animais que estão sendo domesticados. Enquanto em um estado de natureza selvagem, todas as formas de vida compartilham e competem por recursos, a domesticação destrói esse equilíbrio. A paisagem domesticada (por exemplo, terras pastoris/campos agrícolas e, em menor grau, horticultura e jardinagem) necessita do fim da partilha aberta dos recursos que existiam anteriormente; onde antes "isso era de todos", agora é "meu". No romance Ismael de Daniel Quinn, ele

explica essa transformação dos "Largadores" (aqueles que aceitaram o que a terra forneceu) para os "Pegadores" (aqueles que exigiram da terra o que queriam). Essa noção de propriedade lançou as bases para a hierarquia social à medida que a propriedade e o poder surgiam. A domesticação não apenas muda a ecologia de uma ordem livre para uma ordem totalitária, ela escraviza as espécies que são domesticadas. Geralmente, quanto mais um ambiente é controlado, menos sustentável ele é. A domesticação dos próprios humanos envolve muitos trade-offs em comparação com o modo nômade de forrageamento. É importante notar aqui que a maioria das mudanças feitas do forrageamento nômade para a domesticação não foram feitas de forma autônoma, foram feitas pela lâmina da espada ou pelo cano da arma. Considerando que apenas 2.000 anos atrás a maioria da população mundial era de caçadores-coletores, e que agora é de 0,01%. O caminho da domesticação é uma força colonizadora que significou uma miríade de patologias para a população conquistada e para os originadores da prática. Vários exemplos incluem um declínio na saúde nutricional devido ao excesso de confiança em dietas não diversificadas, quase 40-60 doenças integradas às populações humanas por animal domesticado (gripe, resfriado comum, tuberculose, etc.), o surgimento de excedentes que

podem ser usados para alimentar uma população desequilibrada e que invariavelmente envolve propriedade e o fim do compartilhamento incondicional.

As origens e dinâmicas do patriarcado

No início da mudança para a civilização, um dos primeiros produtos da domesticação é o patriarcado: a formalização da dominação masculina e o desenvolvimento de instituições que a reforçam. Ao criar falsas distinções e divisões de gênero entre homens e mulheres, a civilização, novamente, cria um "outro" que pode ser objetificado, controlado, dominado, utilizado e mercantilizado. Isso ocorre em paralelo com a domesticação de plantas para agricultura e animais para pastoreio, na dinâmica geral, e também em especificidades como o controle da reprodução. Como em outras esferas da estratificação social, os papéis são atribuídos às mulheres a fim de estabelecer uma ordem muito rígida e previsível, benéfica para a hierarquia. A mulher passa a ser vista como propriedade, não diferente das colheitas no campo ou das ovelhas no pasto. A propriedade e o controle absoluto, seja da terra, das plantas, dos animais, dos escravos, das crianças ou das mulheres, fazem parte da dinâmica estabelecida na civilização. O patriarcado exige a subjugação do feminino e a usurpação da natureza, impulsionando-nos para a

aniquilação total. Ele define poder, controle e domínio sobre a selvageria, liberdade e vida. O condicionamento patriarcal dita todas as nossas interações; com nós mesmos, nossa sexualidade, nossos relacionamentos umas com as outras e nosso relacionamento com a natureza. Limita severamente o espectro de experiências possíveis. A relação interconectada entre a lógica da civilização e o patriarcado é inegável; por milhares de anos, eles moldaram a experiência humana em todos os níveis, do institucional ao pessoal, enquanto devoravam a vida. Para ser contra a civilização, é preciso ser contra o patriarcado; e para questionar o patriarcado, ao que parece, é preciso também questionar a civilização.

Divisão de trabalho e especialização

A desconexão da capacidade de cuidar de nós mesmas e prover nossas próprias necessidades é uma técnica de alienação e desempoderamento perpetuada pela civilização. Somos mais úteis para o sistema, e menos úteis para nós mesmas, se formos alienadas de nossos próprios desejos e umas das outras por meio da divisão de trabalho e da especialização. Não somos mais capazes de sair pelo mundo e prover para nós mesmas e nossos entes queridos o alimento e as provisões necessárias para a sobrevivência. Em vez disso, somos forçados a entrar no sistema de produção/consumo de

mercadorias. As desigualdades de influência surgem por meio do poder efetivo de vários tipos de especialistas. O conceito de especialista cria inerentemente uma dinâmica de poder e mina as relações igualitárias. Embora a esquerda às vezes possa reconhecer esses conceitos politicamente, eles são vistos como dinâmicas necessárias, e busca mantê-los sob controle ou regulação, enquanto os anarquistas verdes tendem a ver a divisão do trabalho e a especialização como problemas fundamentais e irreconciliáveis, decisivos para as relações sociais dentro da civilização.

A rejeição da ciência

A maioria das anarquistas anticivilização rejeita a ciência como um método de compreensão do mundo. A ciência não é neutra. Está carregada de motivos e suposições que surgem e reforçam a catástrofe da dissociação, impotência e morte consumidora que chamamos de "civilização". A ciência pressupõe desapego. Isso está embutido na própria palavra "observação". “Observar” algo é percebê-lo enquanto se distancia emocional e fisicamente, ter um canal unilateral de “informação” movendo-se da coisa observada para o “eu”, que é definido como não sendo uma parte daquela coisa. Essa visão mecanicista ou baseada na morte é uma religião, a religião dominante de nosso tempo. O método

da ciência lida apenas com o quantitativo. Não admite valores ou emoções, nem o cheiro do ar quando começa a chover - ou se lida com essas coisas, o faz transformando-as em números, transformando a unicidade do cheiro da chuva em preocupação abstrata com a fórmula química do ozônio, transformando a maneira como sentimos na ideia intelectual de que as emoções são apenas uma ilusão de neurônios em atividade. Os números em si não são verdade, mas um estilo de pensamento escolhido. Escolhemos um hábito mental que focaliza nossa atenção em um mundo distante da realidade, onde nada tem qualidade, consciência ou vida própria. Escolhemos transformar os vivos em mortos. Cientistas que pensam cuidadosamente admitem que o que estudam é uma simulação estreita do mundo real complexo, mas poucos percebem que esse foco estreito se auto-alimenta, que construiu sistemas tecnológicos, econômicos e políticos que estão todos trabalhando juntos, sugando nossa realidade. Por mais estreito que seja o mundo dos números, o método científico nem mesmo permite todos os números - apenas aqueles números que são reproduzíveis, previsíveis e iguais para todos os observadores. É claro que a própria realidade não é reproduzível ou previsível ou a mesma para todos os observadores. Mas nem são mundos de fantasia derivados da realidade. A ciência não

apenas nos puxa para um mundo de sonho - ela vai um passo além e torna este mundo de sonho num pesadelo cujos conteúdos são selecionados para previsibilidade, controlabilidade e uniformidade. Toda surpresa e sensualidade são vencidas. Por causa da ciência, estados de consciência que não podem ser dispostos de forma confiável são classificados como insanos ou, na melhor das hipóteses, “incomuns” e excluídos. Experiência anômala, ideias anômalas e pessoas anômalas são rejeitadas ou destruídas como componentes da máquina de formato imperfeito. A ciência é apenas uma manifestação de um desejo reprimido de controle que temos pelo menos desde que começamos a cultivar campos e cercar animais em vez de caminhar no mundo menos previsível (mas mais abundante) da realidade, ou "natureza". E desde então, esse desejo tem conduzido todas as decisões sobre o que conta como “progresso”, incluindo a reestruturação genética da vida.

O problema da tecnologia

Todas as anarquistas verdes questionam a tecnologia em algum nível. Enquanto há aquelas que ainda sugerem a noção de tecnologia “verde” ou “apropriada” e procuram por razões para se apegar a formas de domesticação, a maioria rejeita a tecnologia completamente. A tecnologia é mais do que fios, silício,

plástico e aço. É um sistema complexo que envolve a divisão do trabalho, extração de recursos e exploração para o benefício daqueles que implementam seu processo. A interface e o resultado da tecnologia é sempre uma realidade alienada, mediada e distorcida. Apesar das alegações de apologistas pós-modernos e outros tecnófilos, a tecnologia não é neutra. Os valores e objetivos daqueles que produzem e controlam a tecnologia estão sempre embutidos nela. A tecnologia é diferente das ferramentas simples em muitos aspectos. Uma ferramenta simples é o uso temporário de um elemento em nosso entorno imediato, usado para uma tarefa específica. As ferramentas não envolvem sistemas complexos que alienam o usuário do ato. Essa separação está implícita na tecnologia, criando uma experiência doentia e mediada que leva a várias formas de autoridade. A dominação aumenta cada vez que uma nova tecnologia de "economia de tempo" é criada, pois é necessária a construção de mais tecnologia para apoiar, abastecer, manter e reparar a tecnologia original. Isso levou muito rapidamente ao estabelecimento de um sistema tecnológico complexo que parece ter uma existência independente dos humanos que o criaram. Os subprodutos descartados da sociedade tecnológica estão poluindo nosso ambiente físico e psicológico. Vidas são roubadas a serviço da Máquina e do efluente tóxico dos

combustíveis do sistema tecnológico - ambos estão nos sufocando. A tecnologia agora está se replicando, com algo semelhante a uma singularidade sinistra. A sociedade tecnológica é uma infecção planetária, impulsionada por um fim-em-si-mesma, ordenando rapidamente um novo tipo de ambiente: aquele projetado para eficiência mecânica e expansionismo tecnológico apenas. O sistema tecnológico destrói, elimina ou subordina sistematicamente o mundo natural, construindo um mundo adequado apenas para máquinas. O ideal que o sistema tecnológico almeja é a mecanização de tudo que encontra.

Produção e industrialismo

Um componente-chave da estrutura tecno-capitalista moderna é o industrialismo, o sistema mecanizado de produção baseado no poder centralizado e na exploração das pessoas e da natureza. O industrialismo não pode existir sem genocídio, ecocídio e colonialismo. Para mantê-lo, coerção, despejos de terra, trabalho forçado, destruição cultural, assimilação, devastação ecológica e comércio global são aceitos como necessários, até mesmo benignos. A padronização da vida pelo industrialismo objetiva e mercantiliza-a, vendo toda a vida como um recurso potencial. Uma crítica ao industrialismo é uma extensão natural da crítica

anarquista ao Estado porque o industrialismo é inerentemente autoritário. Para manter uma sociedade industrial, é preciso conquistar e colonizar terras para adquirir recursos (geralmente) não renováveis para abastecer e engraxar as máquinas. Esse colonialismo é racionalizado pelo racismo, sexismo e chauvinismo cultural. No processo de aquisição desses recursos, as pessoas devem ser forçadas a deixar suas terras. E para fazer as pessoas trabalharem nas fábricas que produzem as máquinas, elas devem ser escravizadas, tornadas dependentes e, de todo modo, submetidas ao sistema industrial destrutivo, tóxico e degradante. O industrialismo não pode existir sem centralização e especialização massivas: a dominação de classe é uma ferramenta do sistema industrial que nega às pessoas o acesso aos recursos e ao conhecimento, tornando-os desamparados e fáceis de explorar. Além disso, o industrialismo exige que recursos sejam enviados de todo o globo para perpetuar sua existência, e esse globalismo mina a autonomia local e a autossuficiência. É uma visão de mundo mecanicista que está por trás do industrialismo. Esta é a mesma visão de mundo que justificou a escravidão, o extermínio e a subjugação das mulheres. Deveria ser óbvio para todos que o industrialismo não é apenas opressor para os humanos, mas também é fundamentalmente destrutivo do ponto

de vista ecológico.

Além do esquerdismo

Infelizmente, muitos anarquistas continuam a ser vistos, e se veem, como parte da esquerda. Esta tendência está mudando, à medida que anarquistas pós-esquerda e anticivilização fazem distinções claras entre suas perspectivas e a falência das orientações socialistas e liberais. Não só a esquerda provou ser um fracasso monumental em seus objetivos, mas é óbvio, por sua história, prática contemporânea e estrutura ideológica, que a esquerda (embora se apresentando como altruísta e promovendo a "liberdade") é na verdade a antítese de libertação. A esquerda nunca questionou fundamentalmente a tecnologia, a produção, a organização, a representação, a alienação, o autoritarismo, a moralidade ou o progresso e não tem quase nada a dizer sobre ecologia, autonomia ou o indivíduo em qualquer nível significativo. A esquerda é um termo geral e pode descrever aproximadamente todas as tendências socialistas (de social-democratas e liberais a maoístas e stalinistas) que desejam re-socializar "as massas" em uma agenda mais "progressista", muitas vezes usando abordagens coercitivas e manipulativas, para criar uma falsa “unidade” ou um novo partido político. Embora os métodos de implementação possam

diferir, o impulso geral é o mesmo: a instituição de uma visão de mundo coletivizada e monolítica baseada na moralidade.

Contra a sociedade de massa

A maioria dos anarquistas e "revolucionários" passam uma parte significativa de seu tempo desenvolvendo esquemas e mecanismos para produção, distribuição, adjudicação e comunicação entre um grande número de pessoas; em outras palavras, numa sociedade complexa. Mas nem todos os anarquistas aceitam a premissa da coordenação e interdependência social, política e econômica global (ou mesmo regional), ou a organização necessária para sua administração. Rejeitamos a sociedade de massa por razões práticas e filosóficas. Em primeiro lugar, rejeitamos a representação inerente necessária para o funcionamento de situações fora do domínio da experiência direta (modos de existência completamente descentralizados). Não queremos dirigir a sociedade, ou organizar uma sociedade diferente, queremos um quadro de referência completamente diferente. Queremos um mundo onde cada grupo seja autônomo e decida em seus próprios termos como viver, com todas as interações baseadas na afinidade, livre e aberta, e não coercitiva. Queremos uma vida para viver, não uma vida que funcione. A sociedade

de massa colide brutalmente não apenas com a autonomia e o indivíduo, mas também com a terra. Simplesmente não é sustentável (em termos de extração de recursos, transporte e sistemas de comunicação necessários para qualquer sistema econômico global) continuar ou fornecer planos alternativos para uma sociedade de massa. Mais uma vez, a descentralização radical parece fundamental para a autonomia e o fornecimento de métodos de subsistência não hierárquicos e sustentáveis.

Libertação vs organização

Somos seres que lutam por uma ruptura profunda e total com a ordem civilizada, anarquistas que desejam liberdade irrestrita. Lutamos pela libertação, por uma relação descentralizada e não mediada com o que nos rodeia e com aqueles que amamos e com quem temos afinidade. Os modelos organizacionais apenas nos fornecem mais da mesma burocracia, controle e alienação que recebemos da configuração atual. Embora possa haver uma boa intenção ocasional, o modelo organizacional vem de uma mentalidade inerentemente paternalista e desconfiada que parece contraditória com a anarquia. Os verdadeiros relacionamentos de afinidade vêm de um profundo entendimento mútuo por meio de relacionamentos íntimos baseados nas necessidades da

vida cotidiana, não em relacionamentos baseados em organizações, ideologias ou ideias abstratas. Normalmente, o modelo organizacional suprime as necessidades e desejos individuais para "o bem do coletivo" ao tentar padronizar tanto a resistência quanto a visão. Dos partidos às plataformas às federações, parece que conforme a escala dos projetos aumenta, o significado e a relevância que eles têm para a própria vida diminuem. As organizações são meios para estabilizar a criatividade, controlar a dissidência e reduzir as "tangentes contra-revolucionárias" (conforme determinado principalmente pelos quadros de elite ou liderança). Eles tipicamente se concentram no quantitativo, ao invés do qualitativo, e oferecem pouco espaço para pensamento ou ação independente. Associações informais baseadas em afinidade tendem a minimizar a alienação de decisões e processos e reduzir a mediação entre nossos desejos e nossas ações. É melhor deixar relacionamentos entre grupos de afinidade orgânicos e temporais, em vez de fixos e rígidos.

Revolução vs reforma

Como anarquistas, somos fundamentalmente contra o governo e, da mesma forma, qualquer tipo de colaboração ou mediação com o Estado (ou qualquer instituição de hierarquia e controle). Essa posição

determina uma certa continuidade ou direção da estratégia, historicamente conhecida como revolução. Este termo, embora distorcido, diluído e cooptado por várias ideologias e agendas, ainda pode ter significado para a práxis anarquista e anti-ideológica. Por revolução, queremos dizer a luta contínua para alterar a paisagem social e política de uma forma fundamental; para os anarquistas, isso significa seu desmantelamento completo. A palavra "revolução" depende da posição a partir da qual é dirigida, bem como do que seria denominado atividade "revolucionária". Novamente, para os anarquistas, esta é uma atividade que visa a dissolução completa do poder. A reforma, por outro lado, envolve qualquer atividade ou estratégia destinada a ajustar, alterar ou manter seletivamente elementos do sistema atual, normalmente utilizando os métodos ou aparatos desse sistema. Os objetivos e métodos da revolução não podem ser ditados nem executados dentro do contexto do sistema. Para anarquistas, revolução e reforma invocam métodos e objetivos incompatíveis e, apesar de certas abordagens anarco-liberais, não existem em um continuum. Para anarquistas anti-civilização, a atividade revolucionária questiona, desafia e trabalha para desmantelar toda a configuração ou paradigma da civilização. A revolução também não é um evento distante que construímos ou para o qual nos preparamos,

mas sim um modo de vida ou uma abordagem prática das situações.

Resistindo à Mega-Máquina

Anarquistas em geral, e as anarquistas verdes em particular, favorecem a ação direta sobre as formas mediadas ou simbólicas de resistência. Vários métodos e abordagens, incluindo subversão cultural, sabotagem, insurreição e violência política (embora não se limitando a estes) foram e permanecem parte do arsenal de ataque anarquista. Nenhuma tática pode ser eficaz para alterar significativamente a ordem atual ou sua trajetória, mas esses métodos, combinados com uma crítica social transparente e contínua, são importantes. A subversão do sistema pode ocorrer do sutil ao dramático e também pode ser um elemento importante de resistência física. A sabotagem sempre foi uma parte vital das atividades anarquistas, seja na forma de vandalismo espontâneo (público ou noturno) ou por meio de coordenação clandestina mais ilegal. Recentemente, grupos como o Earth Liberation Front, um grupo ambientalista radical formado por células autônomas que visam aqueles que lucram com a destruição da terra, causaram milhões de dólares em danos a lojas e escritórios corporativos, bancos, fábricas de madeira, instalações de pesquisa genética, veículos utilitários e esportivos e casas de luxo.

Essas ações, muitas vezes assumindo a forma de incêndio criminoso, junto com comunicados articulados que frequentemente acusam a civilização, inspiraram outras pessoas a agir e são meios eficazes de não apenas chamar a atenção para a degradação ambiental, mas também para dissuadir destruidores da terra específicos. A atividade insurrecional, ou a proliferação de momentos insurrecionais que podem causar uma ruptura na paz social em que a raiva espontânea das pessoas pode ser desencadeada e possivelmente espalhada em condições revolucionárias, também estão em ascensão. Os motins em Seattle em 1999, Praga em 2000 e Gênova em 2001 foram todos (de maneiras diferentes) faíscas de atividade insurrecional, que, embora de alcance limitado, podem ser vistos como tentativas de se mover em direções insurrecionais e fazer rupturas qualitativas com o reformismo e todo o sistema de escravidão. A violência política, incluindo a segmentação de indivíduos responsáveis por atividades específicas ou as decisões que levam à opressão, também tem sido historicamente um foco para anarquistas. Finalmente, considerando a imensa realidade e o alcance onipresente do sistema (social, político, tecnológico), os ataques à rede tecnológica e à infraestrutura da megamáquina são de interesse de anarquistas anticivilização. Independentemente das abordagens e da intensidade, a

ação militante associada a uma análise perspicaz da civilização está aumentando.

A necessidade de ser crítica

À medida que a marcha em direção à aniquilação global continua, à medida que a sociedade se torna mais insalubre, à medida que perdemos mais controle sobre nossas próprias vidas e à medida que falhamos em criar uma resistência significativa à cultura da morte, é vital que sejamos extremamente críticas em relação aos movimentos revolucionários do passado, lutas atuais e nossos próprios projetos. Não podemos repetir perpetuamente os erros do passado ou ficar cegas para nossas próprias deficiências. O movimento ambientalista radical está repleto de campanhas e gestos simbólicos de objetivo único, e a cena anarquista está infestada de tendências esquerdistas e liberais. Ambos continuam a passar por movimentos "ativistas" um tanto quanto sem sentido, raramente tentando avaliar objetivamente sua (in)eficácia. Frequentemente, a culpa e o auto-sacrifício, em vez de sua própria libertação e liberdade, guiam esses benfeitores sociais, à medida que prosseguem ao longo de um curso traçado pelos fracassos diante deles. A esquerda é uma ferida infeccionada na bunda da humanidade, os ambientalistas não tiveram sucesso em preservar nem mesmo uma fração das áreas selvagens e

os anarquistas raramente têm algo provocativo a dizer, quanto mais fazer. Enquanto alguns argumentariam contra a crítica porque ela é “divisiva”, qualquer perspectiva verdadeiramente radical veria a necessidade de um exame crítico para mudar nossas vidas e o mundo que habitamos. Aqueles que desejam suprimir todo debate até “depois da revolução”, conter toda a discussão em conversas vagas e sem sentido e subjugar as críticas de estratégia, tática ou ideias, não estão indo a lugar nenhum e podem apenas nos atrasar. Um aspecto essencial para qualquer perspectiva anarquista radical deve ser colocar tudo em questão, certamente incluindo nossas próprias ideias, projetos e ações.

Influências e solidariedade

A perspectiva anarquista verde é diversa e aberta, mas contém alguma continuidade e elementos primários. Foi influenciado por anarquistas, primitivistas, luditas, insurreccionistas, situacionistas, surrealistas, niilistas, ecologistas profundos, biorregionalistas, eco-feministas, várias culturas indígenas, lutas anticoloniais, o feral, o selvagem e a terra. Anarquistas, obviamente, contribuem com o impulso anti-autoritário, que desafia todo o poder em um nível fundamental, lutando por relacionamentos verdadeiramente igualitários e promovendo comunidades de apoio mútuo. Anarquistas verdes, no entanto,

estendem as ideias de não dominação a toda a vida, não apenas a vida humana, indo além da análise anarquista tradicional. Dos primitivistas, as anarquistas verdes são informadas a fazer um olhar crítico e provocativo sobre as origens da civilização, de forma a entender o que é essa bagunça e como chegamos até aqui, o que nos ajuda a pensar numa mudança de direção. Inspiradas por luditas, anarquistas verdes reacendem uma orientação de ação direta anti-tecnológica/industrial. Insurrecionalistas difundem uma perspectiva que não espera pelo ajuste fino de uma crítica cristalina, mas identifica e espontaneamente ataca as instituições atuais da civilização que inerentemente reprimem nossa liberdade e desejo. Anarquistas anticivilização devem muito aos situacionistas e suas críticas à sociedade mercantil alienante, com a qual podemos romper conectando-nos com nossos sonhos e desejos imediatos. A recusa do niilismo em aceitar qualquer uma das realidades atuais entende a doença profundamente arraigada desta sociedade e dá às anarquistas verdes uma estratégia que não necessita oferecer visões para a sociedade, mas ao invés disso, se foca em sua destruição. A ecologia profunda, apesar de suas tendências misantrópicas, informa a perspectiva anarquista verde com uma compreensão de que o bem-estar e o florescimento de toda a vida estão ligados à consciência do valor inerente e

do valor intrínseco do mundo não-humano independente do valor de uso. A apreciação da ecologia profunda pela riqueza e diversidade da vida contribui para a compreensão de que a atual interferência humana no mundo não-humano é coercitiva e excessiva, e a situação piora rapidamente. Os biorregionalistas trazem a perspectiva de viver dentro de sua biorregião e estar intimamente conectado à terra, água, clima, plantas, animais e padrões gerais de sua biorregião. As ecofeministas contribuíram para a compreensão das raízes, dinâmicas, manifestações e realidade do patriarcado e seus efeitos na terra, nas mulheres em particular e na humanidade em geral. Recentemente, a separação destrutiva entre humanos e a terra (civilização) provavelmente foi articulada de forma mais evidente e intensa pelas eco-feministas. Anarquistas anticivilização foram profundamente influenciadas pelas várias culturas indígenas e povos originários ao longo da história e por aqueles que ainda existem atualmente. Embora aprendamos humildemente algumas técnicas sustentáveis para a sobrevivência e maneiras mais saudáveis de interagir com a vida, é importante não nivelar ou generalizar os povos nativos e suas culturas. É preciso respeitar e tentar compreender sua diversidade sem cooptar identidades e características culturais. Solidariedade, apoio e tentativas de conexão com as lutas

indígenas e anticoloniais, que têm sido a linha de frente da luta contra a civilização, são essenciais para tentar desmantelar a máquina da morte. Também é importante entender que nós, em algum ponto, viemos de povos originários removidos à força de nossas conexões com a terra e, portanto, temos um lugar nas lutas anticoloniais. Também somos inspirados pelos selvagens, aqueles que escaparam da domesticação e se reintegraram ao selvagem. E, claro, os seres selvagens que compõem esse lindo organismo azul e verde chamado Terra. Também é importante lembrar que, enquanto muitas anarquistas verdes obtêm influência de fontes semelhantes, a anarquia verde é algo muito pessoal para cada um que se identifica ou se conecta com essas ideias e ações. As perspectivas derivadas das próprias experiências de vida dentro da cultura da morte (civilização) e os próprios desejos fora do processo de domesticação são, em última análise, as mais vivas e importantes no processo descivilizador.

Renaturalização e reconexão

Para a maioria das anarquistas verdes anticivilização/primitivistas, voltar à natureza e reconectar-se com a terra é um projeto de vida. Não se limita à compreensão intelectual ou à prática de habilidades primitivas, mas em vez disso, é uma

compreensão profunda das formas generalizadas pelas quais somos domesticados, fraturados e deslocados de nós mesmas, umas das outras e do mundo, e o enorme compromisso diário de ser inteiro novamente. A renaturalização tem um componente físico que envolve a recuperação de habilidades e o desenvolvimento de métodos para uma coexistência sustentável, incluindo como nos alimentar, abrigar e curar com plantas, animais e materiais que se encontram naturalmente em nossa biorregião. Também inclui o desmantelamento das manifestações físicas, aparatos e infraestrutura da civilização. A renaturalização tem um componente emocional, que envolve curar a nós mesmas e umas às outras das feridas de 10.000 anos que são profundas, aprender a viver juntas em comunidades não hierárquicas e não opressoras e desconstruir a mentalidade domesticadora em nossos padrões sociais. Renaturalizar envolve priorizar a experiência direta e a paixão acima da mediação e da alienação, repensando cada dinâmica e aspecto de nossa realidade, conectando-se com nossa fúria feroz para defender nossas vidas e lutar por uma existência liberada, desenvolvendo mais confiança em nossa intuição e sendo mais conectadas aos nossos instintos, e recuperando o equilíbrio que foi praticamente destruído após milhares de anos de controle patriarcal e domesticação. Renaturalizar é o processo de se tornar

incivilizado.

Pela destruição da civilização!

Pela reconexão com a vida!

Esta é uma tradução do texto What is Green Anarchy?, originalmente publicado nos anos 90 na cartilha Back to Basics da revista Green Anarchy e atualizado pela Black and Green Press e mais tarde pela Black Seed. Trata-se de uma introdução às ideias centrais da anarquia verde.

CONTRACIV, 2021
CONTRACIV.NOBLOGS.ORG